

## **Dose diária de veneno midiático: a grande mídia e as relações com os agrotóxicos <sup>1</sup>**

Dagmar Olmo TALGA<sup>2</sup>

Tiago MAINIERI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **Resumo**

Os meios tradicionais de comunicação hegemônicos no Brasil seguem as fluências e alianças de grande poder e altamente concentradas, negócios familiares e propriedades cruzadas, sendo seus seguimentos ligados ao agronegócio brasileiro e as grandes transnacionais. É um processo de concentração que afeta a constituição dos direitos e da cidadania da sociedade. Nesse sentido, este artigo traz levantamentos e questionamentos sobre os impactos dos agrotóxicos na sociedade e suas consequências, bem como suas afetações e correlações nos meios de comunicação tradicionais com o agronegócio. Metodologicamente para além da revisão bibliográfica, reunimos informações de fontes secundárias e entrevistas com pesquisadores e cientistas que discutem a questão do uso dos agrotóxicos e sua dimensão na sociedade.

**Palavras-chave:** mídia; agrotóxicos; agronegócio; meios de comunicação; cidadania.

### **Introdução**

A informação é tida como uma prática ou uma construção que se desenvolve num contexto social, o sujeito dessa prática é quem produz conhecimento e está inserido em uma determinada realidade social que é influenciada pela mesma, e devido à sociedade em que vivemos hoje que é um regime democrático e que em seus princípios básicos tem a garantia dos direitos de opinião, de expressão das próprias opiniões e de acesso às informações, pode-se afirmar então que, os meios de comunicação exercem um papel fundamental para a existência, manutenção e exercício de tais direitos, ou pelo menos esse seria seu papel oficialmente, ou seja, a democratização do saber, onde se discute tanto a ampliação do acesso, quanto a recepção e à emissão de conhecimento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM - UFG). Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – FIC/UFG e do Núcleo de pesquisa em Agroecologia e Educação do Campo – GWATÁ/UUEG. Documentarista e roteirista do Essá Filmes. E-mail: ddtalga@hotmail.com

<sup>3</sup> Co-autor e Orientador. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com doutorado sanduíche na Universidade da Flórida (EUA). Atualmente é professor e pesquisador dos cursos de graduação e de pós-graduação em Comunicação (mestrado e especialização) da FIC/UFG. Líder do grupo de pesquisa e estudos da “Comunicação em contextos organizacionais” – CNPq/UFG. Membro sócio da Abrapcorp e da Intercom. Pesquisador do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – FIC/UFG. E-mail: tiagomainieri@gmail.com

Dessa forma, no cenário de exclusão social, a impossibilidade de amplos setores da sociedade de apropriar-se da informação e do conhecimento, se comparada com outros indicadores sociais brasileiros, como a saúde, a educação, por exemplo, acabam tornando-se um fenômeno pouco visível e acessível e de menor alcance. No entanto, o direito à informação insere-se nos direitos sociais e desempenha um importante papel no exercício da cidadania. Assim, neste contexto de globalização controlado pelo capital, tornam-se imprescindíveis novos meios e novas mídias sociais de informação, garantindo de forma ampla que os cidadãos possam produzir conhecimentos próprios e inserir-se como sujeitos e garantindo assim seus direitos básicos da pessoa.

Com o surgimento da Internet o sistema de comunicação viu surgir uma nova mídia que, entre outras transformações, inseriu no emissor-receptor o conceito de interação. A Internet, como mídia, contribui para a democratização do processo comunicativo, como a produção e a recepção das informações e principalmente como um expoente deste modelo globalizado e dominante.

Na contramão das novas mídias sociais digitais está à hegemonia midiática dos meios de comunicação tradicionais, manipulando informações, seja por profissionais, pelos detentores do poder ou pelos proprietários dos meios como as grandes corporações, bem como suas relações com o poder e com a sociedade. Na sociedade de classes em que vivemos salienta Saviani:

A classe dominante não tem interesse na manifestação da verdade já que isto colocaria em evidência dominação que exerce sobre as outras classes. Já a classe dominada tem todo interesse em que a verdade se manifeste porque isso só viria patentear a exploração a que é submetida, instando-a a se engajar na luta de libertação. (SAVIANI, 1991, p. 97).

Nesse sentido, as novas mídias sociais de diversos seguimentos principalmente os movimentos sociais, buscam interlocuções nos espaços virtuais para questionamentos acerca da questão do agronegócio brasileiro, e mais especificamente, a problemática dos agrotóxicos no cotidiano das pessoas.

Ao contrario da grande imprensa que tenta garantir a valorização e a promoção da imagem do agronegócio brasileiro, a importância no modo de produção agrícola, a legitimação perante a sociedade brasileira, os movimentos engajados na luta contra os agrotóxicos, e a sociedade civil, mobilizam-se nas redes sociais discutindo as questões que envolvem os impactos dos agrotóxicos na saúde humana, na saúde dos trabalhadores, no

meio ambiente, nas leis constitucionais, nos conflitos pela terra, no modo de produção dos alimentos, nos movimentos e produções agroecológicas, enfim, numa infinidade de linhas pertinentes englobando o agronegócio e suas consequências na maneira de sobrevivência das pessoas no mundo atual.

Com essa perspectiva, propomos, neste artigo, um levantamento e questionamentos sobre os impactos dos agrotóxicos na sociedade e suas consequências, bem como suas afetações e correlações nos meios de comunicação tradicionais hegemônicos. Para isso, realizaremos uma discussão sobre os aspectos centrais do uso de agrotóxicos no Brasil, bem como as relações da grande mídia na conjuntura atual do processo. Nesse sentido, metodologicamente para além da revisão bibliográfica, reunimos informações de fontes secundárias e entrevistas com pesquisadores e cientistas que discutem a questão do uso dos agrotóxicos e sua dimensão na sociedade.

### **A mídia e seus interesses na informação: a desinformação**

A grande mídia brasileira interlaça numa conjuntura mercadológica e de interesses que perpassam pelos interesses privados, onde o fazer jornalismo circula somente na prática e não na ética. Os grandes meios de comunicação privilegiam aos interesses próprios ao da população.

Costumamos pensar que os meios de comunicação são essenciais a democracia, mas, atualmente, eles geram problemas ao próprio sistema democrático, pois não funcionam de maneira satisfatória para os cidadãos. Isso porque, por um lado, se põem a serviço dos interesses dos grupos que os controlam e, por outro, as transformações estruturais do jornalismo – tais como a chegada da internet e a aceleração geral da informação – fazem com que os meios sejam cada vez menos fiáveis ou menos úteis a cidadania. (RAMONET, 2013, p.53)

Nessa conjuntura desfavorável aos cidadãos, o agronegócio que tem a maior concentração das terras do território brasileiro, que segundo o Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA (2015), 1% do agronegócio concentra 50% das terras no Brasil, nas últimas décadas tem sido favorecido pelos grandes meios de comunicação, como se ele fosse à salvação do Brasil, como se fosse responsável pelo crescimento de nossa economia, pela geração de empregos, por uma agricultura moderna e tecnológica e pela produção dos alimentos que alimentam o mundo, e, sobretudo, alimentos saudáveis.

A grande mídia tem feito propaganda sistemática em favor do modelo do agronegócio brasileiro.

Nessa estrutura construída com o agronegócio a partir dos meios de comunicação e suas relações entre eles, se nota os grandes interesses da não divergência informacional administrada por esses meios. Numa comparação administrativa e financeira sobre quem são os donos das grandes corporações midiáticas brasileiras, nos lembra Pascoal Serrano (2013):

Lembremos que os donos dos meios de comunicação não são nem mesmo empresários do ramo, mas empresários empresariais com ações e interesses em todos os setores, desde multinacionais das telecomunicações que controlam os canais de divulgação da informação até grupos bancários imprescindíveis para seu financiamento. E sua visibilidade depende dos grandes anunciantes, como as empresas de hidrocarbonetos, automobilística, magazines. (SERRANO, 2013, p. 74)

Já o projeto Donos da Mídia (2010), que tem mapeado nos últimos anos os grandes proprietários dos meios de comunicação no Brasil, nos traz além dos grandes grupos empresariais da informação, os políticos que também são donos dos meios de comunicação. Na pesquisa consequentemente contrariando os princípios da constituição brasileira que não permite este agravo, onde muitos do congresso nacional são proprietários de veículos de comunicação, dos 9.477 veículos de comunicação existentes, 324 são registrados como pertencentes a 271 políticos brasileiros. Dos quais 147 veículos são de prefeitos, 55 de deputados estaduais, 48 de deputados federais e 20 de senadores, em que em sua maioria absoluta são políticos pertencentes a partidos da Bancada Ruralista, ou seja, políticos que por sua vez possuem grandes conglomerados de terras, ou são apartados aos interesses do agronegócio ou são patrocinados por megacorporações multinacionais agroquímicas ou de máquinas, onde estão distribuídos em partidos como o DEM, PMDB, PSDB, PP, PSB, PPS, PDT e PL<sup>4</sup>.

Nesta estreita ligação dos políticos aos meios de comunicação se converge a uma união de poderes controlados por uma única linha originária a interesses do grande mercado do agronegócio. Se de um lado os meios de comunicação em grande parte são dirigidos ideologicamente por políticos ligados ao sistema do agronegócio, revela-se então a quem as informações e notícias pautada por esses meios obedecerão.

---

<sup>4</sup>Democratas (DEM), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido Progressista (PP), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Popular Socialista (PPS), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Liberal (PL).

É claro que esses meios de comunicação apoiarão os políticos que propuserem mais poder para o mercado e menos para os cidadãos. Os jornais, os canais de televisão e as rádios, com seus colunistas, seus editoriais, suas reportagens por encomenda e suas informações manipuladas, lançar-se-ão como hienas contra qualquer um que ousar atentar contra os privilégios do mercado, pois foram criados para defendê-lo. E o mais grave: chamarão isso de liberdade de imprensa. (SERRANO, 2013, p. 75)

Partindo da premissa que esses grandes meios de comunicação que por sua vez são de parlamentares e que servem a interesses dos patrocinadores, ou seja, em sua maioria as grandes multinacionais ligadas à indústria dos agrotóxicos, que por sua vez também não haverá em suas pautas as consequências desses produtos no meio ambiente e na vida dos seres vivos.

Outra confluência do patronato midiático hegemônico são as associações do agronegócio brasileiro, como por exemplo, a Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), fundada em 1993, com a finalidade central de afirmação do agronegócio no país. Essa oligarquia tem em seus associáveis confiáveis muitas empresas públicas e privadas espalhadas pelo mundo. Citamos aqui algumas das empresas que, segundo o site oficial da ABAG, totaliza cerca de 80 membros, entre elas grandes megacorporações transnacionais como os fabricantes de agrotóxicos e sementes transgênicas, tais como a Syngenta, Bayer S/A, Dow AgroSciences Industrial Ltda, Du Pont do Brasil S/A, Bunge Fertilizantes S.A, e Monsanto do Brasil Ltda. Estão juntos também o Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Agrícolas (Sindag), a Brasilagro - Companhia Brasileira de Propriedades Agrícolas, a Aprosoja Brasil, bem como alguns dos maiores bancos privados, como o Banco Itaú BBA S/A, Banco Rabobank Internacional Brasil S/A e Banco Santander S/A, e a grande mídia aqui representada pela TV Globo.

A grande característica das grandes associações do agronegócio são as influências que se entrelaçam entre as transnacionais, a Bancada Ruralista e os grandes meios de comunicação.

No entanto, se, por um lado, a imprensa foi “capturada” pela dinâmica da classe-patronal-em-confronto-com-os-seus-opositores, por outro, também assistimos a tentativa dos jornais de resgatarem seu espaço próprio, ora estabelecendo suas prioridades, ora buscando construir sua própria leitura sobre os novos acontecimentos. Daí, talvez, a imensa ambiguidade da imprensa em relatar os fatos: editoriais e jornalistas concordam que a violência é o caminho natural para a defesa da propriedade e, ao mesmo tempo, condenam a prática e o clima de violência existentes, e associam o agravamento da violência tão-somente a multiplicação das ocupações de

terra. Ressaltam a desqualificação dos trabalhadores rurais sem-terra, mas retratam a força política das ocupações – apesar de considera-las ilegais. Reconhecem os trabalhadores sem-terra como sujeitos políticos com reivindicações próprias, contudo, estão sempre a procura de um mentor, de um “agente externo” que estaria “por trás de tudo isso”. Exacerbam e, de certa forma, dignificam o “poder de fogo” dos grandes proprietários de terra, porém expõem, não sem um olhar crítico, o retrato do atraso e a crueldade da violência. (BRUNO, 2009, p.99)

E os meios se tornam um lugar concebido como institucionalização de interesses de dos negócios do agronegócio, bem como toda a estrutura garantida pelo estado.

“É a partir dessa regra que podemos começar a entender para onde os meios de comunicação, que são propriedade de grandes empresas privadas, estão nos levando, bem como sua incompatibilidade com os valores da democracia”. (SERRANO, 2013, p.74)

### **Mídia, agrotóxicos e o agronegócio: uma construção em disputa**

Notoriamente, o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo desde 2008, o consumo anual segundo o IBGE (2013), é cerca de 1,05 bilhões de litros de veneno em suas lavouras. Tendo sua concentração, produção e a comercialização desses venenos no Brasil e no mundo em seis grandes empresas transnacionais, que controlam mais de 80% do mercado agroquímico: Monsanto, Syngenta, Bayer, Dupont, Dow e Basf. Esse consumo massivo de agrotóxicos aplicados nos solos tem seus impactos no meio ambiente, e, sobretudo, na saúde das pessoas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), cerca de cinco milhões de pessoas por ano são intoxicadas por agrotóxicos, mais de 700 mil casos de efeitos adversos, como distúrbios neurológicos e malformações fetais, 80 mil casos de câncer, 660 mortes por dia, 25 mortes por hora, numa soma de um para 50 casos não registrados, ou seja, 250 milhões de pessoas intoxicadas no mundo.

Se por um lado o consumo dos agrotóxicos com isenção fiscal tem aumentado cerca de 194% no Brasil de 2000 a 2012, segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Defesa Agropecuária – SINDAG (2012), as áreas cultivadas de commodities<sup>5</sup> agrícolas de grande interesse do agronegócio (soja, cana, milho e algodão) cresceram em média 100%. O que é interessante ressaltar a discrepância na correlação ao consumo de agrotóxicos e o aumento das áreas plantadas.

---

<sup>5</sup> Commodities é uma palavra em inglês, que segundo o dicionário Michaelis é o plural de commodity que significa mercadoria. Esta palavra é usada para descrever produtos de baixo valor agregado. Ver: Moderno Dicionário Inglês & Português. Volp, 5. ed., abril 2016.

As intoxicações se aglomeram e incidem no Brasil cada vez mais nos últimos 20 anos. Exemplos como a pesquisa do Médico e pesquisador Wanderlei Pignati da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, revelaram que, em amostras de leite materno de 60 mulheres moradoras da cidade de Lucas do Rio Verde-MT, sem nenhum contato com o campo, 100% do material analisado apresentavam algum tipo de agrotóxico, incluindo o veneno DDT, proibido desde 2009 no Brasil e, desde 1972, nos EUA, e do agrotóxico Endosulfan, hoje também proibido no Brasil.

Outro exemplo foi à pulverização aérea em 2013 na Escola Municipal rural São José do Pontal na Cidade de Rio Verde – GO, que atingiu mais de 100 pessoas em sua maioria crianças na hora do recreio, e que até hoje sofrem as sequelas do veneno Engeo Pleno da multinacional Syngenta. Dentre as consequências: problemas no fígado, rins e na pele, falta de ar, alergias, menstruações até três vezes no mês e o aparecimento de cânceres em professoras, e até hoje qualquer indício de responsabilidade foi feito.

Enquanto isso, essas substâncias são vendidas e usadas livremente em todo o território nacional. O 2.4D, por exemplo, que é um dos ingredientes ativos do chamado 'agente laranja' fabricado pela Monsanto e que foi pulverizado pelos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã, deixou um rastro de destruição no país. Segundo a Organização das Nações Unidas - ONU (2012) dos 19 milhões de habitantes na época, mais de três milhões, dos cinco que morreram na guerra, foram em consequência do Agente laranja. Segundo ainda a Organização Mundial da Saúde – OMS (2012), 150 mil crianças da terceira geração após 40 anos da pulverização no país nasceram apresentando alta incidência de deficiências como síndrome de Down, paralisia cerebral e desfiguração facial extrema, sem braços e pernas, além de diversos tipos de cânceres.

Como podemos observar na figura 1, registrada pelo fotógrafo Brian Driscoll e que faz parte do ensaio “will it Ever End?” (2008).

com.br/album/2013/08/30/fotografo-registra-vitimas-de-agente-laranja-durante-guerra-do-vietna.htm#fotoNav=3



Figura 1: Irmãos atingidos pelo agente laranja em sua terceira geração em Hai Phong, Vietnã (2008).  
 Fonte: Internet. Disponível em: <<http://clichetes.com.br/retratos-brian-driscoll/>>. Acesso em 05 abril 2016.

Segundo a OMS (2012) foram despejados 80 milhões de litros de herbicidas e desfolhantes sobre o Vietnã durante 10 anos, numa operação conhecida como "Operação Ranch Hand" ou "ajudante de fazendeiro", e as consequências desses agrotóxicos persistem até os dias atuais.

Se observarmos paralelamente sobre o uso de agrotóxicos nas lavouras brasileiras que ultrapassam um bilhão de calda tóxica por ano, certamente a princípio seria um grande alerta para a gravidade do problema para a natureza, para os trabalhadores e toda a população.

O Brasil é, hoje, o país com a segunda maior área cultivada com transgênicos e o primeiro em uso de agrotóxicos. Uma situação decorre da outra: só os herbicidas à base de glifosato, empregados no sistema *Roundup Ready* (RR), respondem por cerca de metade de todos os agrotóxicos usados no país. As empresas do setor alegam que a adoção de sementes resistentes a herbicidas facilita o manejo e reduz o uso desses químicos, mas após mais de 15 anos da introdução dessa tecnologia o resultado colhido tem sido o oposto das vantagens alegadas. (BÚRIGO, 2015, p.456)

Segundo O professor e pesquisador Murilo Mendonça Oliveira de Souza<sup>6</sup> da Universidade Estadual de Goiás e membro da Campanha Permanente Contra o uso de Agrotóxicos e Pela Vida, afirma que cada habitante brasileiro consome via ambiental, ocupacional e alimentar, 4,5 litros de agrotóxicos por ano<sup>7</sup>, mas que em certos estados como Goiás<sup>8</sup> que é o quinto no Brasil em uso de agrotóxicos, se consomem em média 14,38 litros, já o estado do Mato Grosso<sup>9</sup> que é o campeão em uso de veneno, se consomem 62,08 por habitante.

Nesta conjuntura do consumo do agrotóxico, veiculado ao agronegócio, ao Congresso Nacional e aos grandes meios de Comunicação, conseqüentemente os meios de comunicação de massa veiculam filmes publicitários, e pautas jornalísticas que ressaltavam o dinamismo do agronegócio, as grandes transnacionais e sua conexão com o dia a dia da sociedade.

Como podemos observar nas mídias do Jornal O Globo, e na revista Veja na figura 2 e 3.

---

<sup>6</sup> Murilo Mendonça Oliveira de Souza, professor e pesquisador da Universidade Estadual de Goiás (UEG), membro da Campanha Permanente Contra o uso de Agrotóxicos e Pela Vida, em entrevista a autora em 06 de abril de 2016, em Goiânia – GO.

<sup>7</sup> Dados calculados pelo pesquisador Murilo Mendonça Oliveira de Souza a partir da quantidade de venda de agrotóxicos no Brasil segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agropecuária - SINDIVEG (2013), e da quantidade de população brasileira segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2013).

<sup>8</sup> Dados calculados pelo Murilo Mendonça Oliveira de Souza a partir da quantidade de venda de agrotóxicos no Brasil segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agropecuária - SINDIVEG (2013), e da quantidade de população brasileira segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2013).

<sup>9</sup> Dados calculados pelo Murilo Mendonça Oliveira de Souza a partir da quantidade de venda de agrotóxicos no Brasil segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agropecuária - SINDIVEG (2013), e da quantidade de população brasileira segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2014).



## Fusão de DuPont e Dow Chemical cria líder global de agrotóxicos e sementes

Para analistas, operação resultará em maior concentração de mercado

POR DANIELLE NOGUEIRA

12/12/2015 6:00 / atualizado 12/12/2015 12:05



### RAIOS X DA NOVA COMPANHIA DOWDUPONT JÁ NASCE ENTRE AS LÍDERES

Como será a nova empresa

NOME	DowDuPont
VALOR DE	US\$ 130

Após a fusão, serão criadas três empresas independentes

RECEITAS  
 Agricultura  
 US\$ 19 bilhões

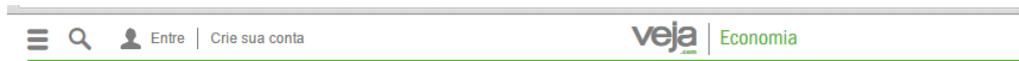
Será a maior do mundo, à frente da Monsanto

Atuação no Brasil

	DuPont	Dow	As duas juntas
NÚMERO DE	2.731	3.000	5.731

Figura 2: Matéria veiculada em 12/12/2015.

Fonte: Jornal O Globo. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/economia/fusao-de-dupont-dow-chemical-cria-lider-global-de-agrotoxicos-sementes-18279523/>>. Acesso em 05 abril 2016.



/ ECONOMIA

## Vendas de defensivos e fertilizantes devem ser recordes

© 29/11/2011 às 08:00 - Atualizado em 29/11/2011 às 08:09



Por Venilson Ferreira



Brasília - As vendas de fertilizantes e defensivos agrícolas devem bater recordes históricos neste ano. As projeções otimistas foram apresentadas ontem por representantes do setor na reunião da câmara temática de insumos agrícolas, do Ministério da Agricultura. Os dados da Associação Nacional para a Difusão de Adubos (Anda) mostram que as entregas ao consumidor final de janeiro a outubro deste ano somaram 23,896 milhões de toneladas, volume 19,1% superior ao observado em igual período do ano passado. As entregas neste ano devem atingir volume recorde, superando as 24,516 milhões de toneladas do ano passado e as 24,608 milhões registradas em 2007.



As indústrias de defensivos agrícolas também preveem faturamento recorde neste ano, na casa dos R\$ 15 bilhões. Os dados preliminares até outubro mostram que o setor obteve uma receita de R\$ 10,199 bilhões, valor 10% acima do observado em igual período do ano passado.

O destaque é o aumento de 21% nas vendas de inseticidas, que atingiram R\$ 3,512 bilhões, desbancando o segmento de herbicidas, tradicional carro-chefe do setor. As vendas de herbicidas cresceram 8% e atingiram R\$ 3,455 bilhões no acumulado dos dez primeiros meses deste ano.

Figura 3: Matéria veiculada em 29/11/2011.

Fonte: Revista Veja. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/vendas-de-defensivos-e-fertilizantes-devem-ser-recordes>>. Acesso em 05 abril 2016.

Temos por um lado um cenário de profunda violência exercida pelos proprietários dos veículos de comunicação em massa, mediante seus interesses, mediante os interesses aqui questionados, do agronegócio, e das grandes corporações. Contudo, guiados principalmente pelos estudos do italiano Antônio Gramsci (COUTINHO, 1999), quando consideramos, enquanto intelectuais orgânicos, na luta contra hegemônica, na disputa pelos meios de comunicação.

Olhando-se os comportamentos de massa do ponto de vista do mercado, parece que procuram desativar-nos: somos cada vez menos responsáveis, sem capacidade para intervir nos espetáculos de que desfrutamos ou na informação que selecionam para nós. Apenas simulacros de participação e de democracia direta, como as entrevistas dirigidas ou editadas pelos noticiários. Ou essa ilusão de que o público pode escolher quem fica e quem sai, como em Big Brother, jogo para legitimar com aparência democrática a exclusão social. (CANCLINI, 2013, p. 28)

Seguindo a lógica da mesma estrutura, onde todo verossímil da realidade tem obrigação de percorrer pelas páginas da mídia, ou pelo menos, essa é a maior mentira transformada em verdade que existe, os grandes meios de comunicação se posicionaram contra a relação dos agrotóxicos ao grande problema que abrange atualmente as camadas mais populares da sociedade. O surto de microcefalia que acontece atualmente no Brasil. Grave doença veiculada pela mídia e por alguns setores do Governo, e que cujo grande responsável seja um mosquito, o Zika vírus.

Segundo Pignati (2016)<sup>10</sup>, a microcefalia é causada diretamente pelo uso indiscriminado dos agrotóxicos.

São vários fatores que decorrem do consumo e do uso dos agrotóxicos. Os larvicidas recomendados pelo Ministério da Saúde brasileiro que são utilizados em tanques de água potável desde 2014 no Brasil, em regiões com saneamento básico carente, como no Nordeste, onde é a região de maior incidência de microcefalia, os agrotóxicos usados nas lavouras, nos pastos, nos repelentes usados na prevenção do próprio mosquito e que contém vários princípios ativos de agrotóxicos, os inseticidas usados no fumacê para combater o *Aedes aegypti*. O Centro-Oeste fica em primeiro lugar em casos de microcefalia desde 1996, e porque isso não é divulgado? E existem pesquisas em vários lugares do mundo que comprova isso, ou seja, a população está sendo contaminada no campo e na cidade e não sabe disso. (Informação verbal, Wanderlei Antônio Pignati, Cuiabá. 2016)

---

<sup>10</sup> Wanderlei Antônio Pignati, Médico, sanitarista, doutor em Saúde Pública. Professor da faculdade de Medicina e do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, em entrevista com a autora em 07 de março de 2016 em Cuiabá – MT.

Nos exemplos exploratórios que mencionamos e que relacionam a concentração dos interesses midiáticos de pequenos grupos hegemônicos, ampliando as preocupações nos setores industriais e financeiros, mandatários na economia mundial e na vida das pessoas. A comunicação se tornou uma forma e uma arma de se pensar capitalista. Numa estrutura que norteia os bens comuns e a cidadania.

Ficcionalizando ou virtualizando o real em função da atualidade histórica do capital, o par comunicação/informação contribui, portanto, para “naturalizar” o mercado financeiro como base da aceleração do desenvolvimento econômico e como fonte da ideologia capitalista do bem-estar humano na atual etapa da penetração da lei estrutural do valor (o capital) em todos os espaços existentes dos indivíduos. E assim representa um aspecto da luta de classes em que a modernização neoliberal acarreta o desmantelamento do Estado de bem-estar social e da tradicional organização das forças produtivas em favor da precarização do trabalho, com vistas ao aumento de rendimento do capital fictício. (SODRÉ, 2014, p. 56-67)

### **Algumas considerações**

A nossa análise frente à mídia hegemônica centralizada em seus interesses privados, sobrepõe em alianças que comprometem sua lealdade na pauta diária e contínua. Prevalendo os direitos privados e não do cidadão. Onde se tem alianças latifundiárias com um Estado brasileiro que apoia o agronegócio, pois é forte no campo legislativo com a Bancada Ruralista. Que por sua vez é forte no campo econômico, no campo jurídico, que por sua vez é forte na mídia.

É uma hegemonia em vários campos e, em contraposição, uma massa despercebida e manipulada, sendo envenenada cada vez mais, não somente pelos agrotóxicos, mas pela mídia.

No geral, a missão dos meios de comunicação é a de domesticar as sociedades – ou, em outras palavras, a de “levá-las pelo bom caminho” – mas os cidadãos estão percebendo que as Benesses do poder midiático não passam de simulação e, assim, aceitando-o cada vez menos. (RAMONET, 2013, p. 64)

Nesse contexto de empresas que representam a cadeia produtiva do agronegócio, como ao exemplo da maior empresa de comunicação associada a uma organização de defesa do agronegócio como é a ABAG, irá conduzir e cobrir com qualquer autonomia jornalística uma manifestação, por exemplo, dos Movimentos sociais contra o uso dos agrotóxicos no Brasil? Não se trata, pois, de melhorar o jornalismo praticado, mas de modificar o cerne da comunicação brasileira.

Cabe à sociedade apropriar-se e conceber uma comunicação genuinamente dialógica, calcada na participação plural e não hegemônica de diversas vozes. Vozes que ecoam e que têm seu lugar de fala garantido. É necessário romper com a lógica comunicacional que privilegia o monopólio. (MAINIERI, 2013, p. 57).

### Referências:

Associação Brasileira de Agronegócio – ABAG. Disponível em: <<http://www.abag.com.br/index.php?mpg=01.01.01>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

BÚRIGO, André Campos, et al. **A crise do paradigma do agronegócio e as lutas pela agroecologia**. In. CARNEIRO, Fernando Ferreira. Dossiê ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012.

BRUNO, Regina. **Um Brasil Ambivalente: agronegócio, ruralismo e relações de poder**. (et al.). Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução: Ana Goldberger. – São Paulo: Iluminuras, 2018, (1. Reimp., 2013).

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP, 2014). Disponível em: <<http://www.diap.org.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012; 2013). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

MAINIERI, Tiago. **Caminhos para uma outra comunicação: em busca da identidade**. In: COUTINHO, Eduardo Granja; MAINIERI, Tiago. (Org.) **Falas da história: comunicação alternativa e identidade cultural**. Goiânia: FIC/UFG, 2013. p. 49-59.

MORAES, Dênis. **Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial**. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

O PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE (PNUMA). Relatório de alerta aos perigos da contaminação química nos países em desenvolvimento, 2003. Disponível em: <<http://www.unep.org/hazardoussubstances>> Acesso em: 07 mar. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Disponível em: <<http://www.who.int/es/index.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

PROJETO DONOS DA MÍDIA. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/donosdamidia.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.

SERRANO, Pascual. Democracia e liberdade de imprensa. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional/Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.